

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira,
E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA

Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00
Assinatura anual 30\$00

ANO XXIII

SETEMBRO DE 1962

N.º 192

A Túnica Inconsútil de Jesus

A. Casaca

Como se viu, a Unidade da Igreja é um verdadeiro reflexo da união com Jesus, porquanto a comunhão com a Igreja deriva, precisamente, da união com o Salvador, traduzida no espírito de obediência aos preceitos e determinações da Igreja, que por sua vez traduz a vontade do seu divino Fundador.

Tem sido, sempre, através dos séculos que Satanás tem assestado as suas mais potentes armas contra a Unidade da Igreja, procurando retalhar, dilacerar, dividir o Corpo Místico de Jesus, tal como no Calvário feriu o corpo sacrossanto do Salvador.

Vimos no nosso segundo artigo (Revista Adventista de Julho passado) como as heresias dos primeiros séculos procuraram introduzir no seio da Igreja, com a diversidade de doutrinas, a dúvida, o cepticismo e heresia. Satanás bem sabe que para vencer é necessário dividir.

Já assim um velho filósofo aconselhava Augusto: «Divide et impera» — se queres governar como imperador, divide os teus adversários.

É precisamente um dos argumentos que a Igreja Romana apresenta contra o Protestantismo: o da multiplicidade das denominações evangélicas, ao mesmo tempo que salienta a unidade romana, apregoando-a como característica da verdadeira Igreja.

Não vamos, aqui, refutar esta objecção da suposta unidade doutrinal da Igreja Romana, contra a suposta divisão da Igreja Protestante.

Bem sabemos que todos temos a mesma unidade na Cabeça da Igreja que é o nosso Salvador.

A mesma Igreja Romana também apresenta uma enorme variedade de diferenças, de ritos, de cerimónias, de práticas, algumas das quais se excluem mutuamente.

É claro que respondem, dizendo que se trata de diferenças meramente accidentais, mas que a unidade de fé é a mesma.

Outro tanto responde a Igreja Protestante: há diversidades de liturgias; mas há unidade de fé e de crença fundamental. Enquanto os Romanos confessam a sua unidade de fé na pessoa do Bispo de Roma, todos os Evangélicos confessam essa unidade na Pessoa de Jesus.

Por isso, a questão da unidade da Igreja é fundamental, compreendendo-se, assim, também, os ataques de Satanás contra essa unidade.

Pois bem; uma das condições essenciais para a Unidade é a ordem, a organização.

Ouçamos o que nos diz o Espírito de Profecia:

«Ninguém acaricie o pensamento de que podemos dispensar a organização.

Custou-nos muito estudo e orações, nas quais rogávamos sabedo-

ria, e as quais sabemos que Deus ouviu, para que pudéssemos erigir esta estrutura. Foi ela edificada pela direcção de Deus, por meio de muitos sacrifícios e conflitos. Que nenhum dos nossos irmãos esteja tão iludido de modo a tentar derribá-la, pois acarretaríeis assim um estado de cousas que nem sequer se podem sonhar. Em nome do Senhor declaravos que ela deve estar de pé, fortalecida, estabelecida e fixa. Ao mando de Deus — «Ide» — avançamos, quando as dificuldades que tínhamos de superar faziam com que o avanço parecesse impossível. Sabemos quanto tem custado executar os planos de Deus no passado, os quais fizeram de nós o povo que nós somos. Portanto, cada um tenha o máximo cuidado para não perturbar os espíritos em relação a estas coisas que Deus ordenou para a nossa prosperidade e êxito no avanço da Sua causa.» (Vida e Ensinos, pág. 200).

Prezados Irmãos e Irmãs! Desconfiemos da acção subtil e insidiosa de Satanás, quando constatar-mos que se procura lançar a desunião entre nós. Saibamos desmascarar, a tempo, os ardis do Anjo Rebelde que procura lançar a cizânia no meio do joio.

Vejamos, ainda, o que nos ensina o Espírito de Profecia:

«Os anjos trabalham harmoniosamente. Todos os seus movimentos são caracterizados por uma perfeita ordem. Quanto mais aproxi-

madamente imitarmos a harmonia e a ordem da hoste angélica, maior êxito terão os esforços desses agentes celestiais, em nosso favor. Todos os que desejarem a cooperação dos mensageiros celestiais, devem trabalhar em uníssono com eles. Mas nunca estes mensageiros celestiais sancionarão a irregularidade, a desorganização e a desordem. Todos estes males são o resultado dos esforços de Satanás para enfraquecer as nossas forças, para destruir a nossa coragem e evitar que a acção da Igreja seja bem sucedida.

Satanás bem sabe que o sucesso apenas pode acompanhar a acção ordenada e harmoniosa. Bem sabe que tudo o que se relaciona com o céu se acha em perfeita ordem, e que a sujeição e a disciplina perfeita caracterizam os movimentos da hoste angélica. Satanás procura, meditadamente, levar os cristãos professos para tão longe da disposição ordenada por Deus, quanto puder; portanto, engana o povo professo de Deus, fazendo-lhe crer que a ordem e a disciplina são inimigos da espiritualidade; que a única segurança consiste em cada qual seguir o seu próprio caminho, e de uma maneira especial, distinguir-se das corporações de cristãos que se acham unidos, e trabalham para estabelecer a disciplina e a harmonia de acção. Estas almas consideram como virtude jactar-se da sua liberdade de pensar e de agir independentemente. Não atentam para nenhum parecer de outrem. Não se deixam ensinar, por quem quer que seja. Mostrou-se-me que é obra especial de Satanás levar aos homens a impressão de que é para eles uma ordem de Deus deliberar por si mesmos, e escolher o seu próprio caminho, independentemente de seus irmãos.» (Vida e Ensinos, pág. 203).

A Mensageira do Senhor é suficientemente clara nas suas afirmações, que são, afinal, o reflexo da vontade de Deus.

Importa, pois, prezados Irmãos e Irmãs, que estejamos sempre vigilantes, sempre atentos para desmascarar, sem demora, os embustes de Satanás, tanto mais que sabemos que os seus ataques vão redobrar de intensidade e de número, pois nos aproximamos, velozmente, do fim.

A nossa Irmã White assim nos adverte, mais uma vez:

«À medida que o povo de Deus se aproxima dos perigos dos últimos dias, Satanás mantém permanentes consultas com os seus anjos para estudar os melhores planos de arruinar a sua fé. Eis as instruções que o Anjo das trevas dá aos seus acólitos: Precisamos de vigiar aqueles que estão chamando a atenção do povo para o Sábado de Jeová...

Precisamos de separar muitos de Cristo, pelo amor do mundo, pelo luxo e pelo orgulho. Os homens precisam de pensar que estão seguros pelo facto de acreditarem na verdade; mas a satisfação dos apetites e das paixões vis, que lhes tornará confuso o juízo e lhes destruirá o discernimento, causar-lhe-ão a sua queda.

Ide, fazei com que os possuidores de terras e dinheiro se embriaguem com os cuidados da vida. Apresentai-lhes o mundo com a sua luz mais atraente a fim de que juntem aqui o seu tesouro e fixem as suas afeições nas coisas da terra. Temos de trabalhar o mais possível para impedir que os que trabalham na causa de Deus obtenham meios para lutarem contra nós. Mantende o dinheiro nas nossas próprias fileiras, porque quantos mais meios eles obtiverem, mais prejudicarão o nosso reino, arrancando-nos os nossos súbditos. Fazei com que eles pensem mais no dinheiro do que na construção do reino de Cristo e na pregação das verdades que odiamos, e não precisaremos de temer a sua influência; pois sabemos que toda a pessoa egoísta e avarenta cairá

sob o nosso poder e será finalmente separada do povo de Deus...

Nos lugares em que o povo realiza reuniões terei como meus agentes homens sustentando falsas doutrinas misturadas com algumas verdades, para enganar as almas... Precisamos de causar distracção e divisão. Temos de destruir a ansiedade pelas suas próprias almas, e levá-los a criticarem-se, a julgarem-se, a acusarem-se uns aos outros e a acariciarem o egoísmo e a inimizade. Por causa destes pecados Deus baniu-nos da Sua presença: e todos os que seguirem o nosso exemplo terão o nosso destino» (Testimonies to Ministers, págs. 472-475).

Prezados Irmãos e Irmãs! A doutrina de Deus é bem clara em si mesma. Todos nós formamos um único corpo, corpo místico, com o nosso divino Salvador. É necessário que nos mantenhamos sempre unidos em torno do nosso Salvador, vivendo em união com Ele, mediante a sua graça.

Recordemos aquela tão linda expressão dos pagãos, que definia precisamente a grande característica da Igreja primitiva: Vede como eles se amam!

Demonstremos, também, nós que amamos a Deus, amando-nos uns aos outros, constituindo, verdadeiramente, um único corpo místico, que é a Igreja de Jesus, de quem Ele é a Cabeça e todos nós os membros, que Ele tanto ama, que por eles — todos nós — deu a sua preciosa vida.

E, assim, unidos já nesta vida pelos laços do amor fraternal e vivendo na obediência não só da Lei de Deus, mas também segundo as determinações da sua Igreja, poderemos viver, depois, para todo o sempre, na Terra dos remidos, quando o Salvador nos vier buscar na glória do seu Segundo Advento. Que assim seja e em breve.

AS PUBLICAÇÕES NA FINALIZAÇÃO DA OBRA DE DEUS

Orlando Costa

«Eis que estes virão de longe, e eis
que aqueles do Norte, e do Ocidente...»
(Is. 49:12).

Ordenadas por Deus

«Deus ordenou a colportagem como um meio de apresentar perante o povo a luz contida em nossos livros, e os colportores devem



Um colportor com os 400 livros vendidos em S. Miguel, ultimamente, aquando da campanha dirigida, nos Açores, pelo Chefe dos Colportores, Evg.^a Orlando Costa

estar compenetrados da importância de colocar diante do mundo, tão depressa quanto possível, os livros necessários para a sua educação e esclarecimento espirituais. Esta é exactamente a obra que o Senhor deseja que o Seu povo faça neste tempo. Todos os que se consagram a Deus para trabalhar como Colportores, estão auxiliando na proclamação da última mensagem de advertência ao mundo. Não podemos avaliar demasiadamente esta obra; porque, se não fossem os esforços do Colportor, muitas pessoas nunca ouviriam a advertência.

Colportar para difundir luz

«Nesta época o trivial é louvado e magnificado. Há uma procura por qualquer coisa que crie sensa-

ção e vendas avultadas. O país está inundado de publicações completamente inúteis, escritas com o fim de ganhar dinheiro, ao passo que livros realmente valiosos não se vendem nem se lêem. Os que manuseiam esta literatura sensacional, porque assim fazendo podem ganhar mais, estão perdendo uma preciosa oportunidade de fazer o bem. É necessário travar batalhas, a fim de chamar a atenção de homens e mulheres, e interessá-los em livros realmente valiosos, que têm a Bíblia por base, e será ainda maior tarefa encontrar conscienciosos obreiros tementes a Deus que desejem entrar no campo para colportar com estes livros com o propósito de difundir luz.»

E. G. White «O Colportor Evangelista pgs. 7 e 53.

*

A Ilha da Madeira e o Arquipélago dos Açores receberam este ano já a visita de dois bravos Colportores que visitaram todos os lares

deixando rastros de luz que iluminará as almas nos caminhos de Deus. Na Ilha Terceira, acompanhado do Pastor local, visitámos todo o interior, e mesmo dado o facciosismo religioso (pois que o meio é extremamente católico) ainda conseguimos êxito no trabalho, pois vendemos livros e revistas inclusivamente a sacerdotes. Foi-nos ainda concedida autorização para trabalharmos na Base Aérea Americana nas Lajes e com satisfação constatámos que as nossas vendas excederam o nosso alvo.

Saídos de todas as camadas da sociedade e não se poupando a esforços, homens e mulheres impregnados de boa vontade, conduzidos e iluminados por Deus, registam todos os dias contactos missionários, palavras de conforto aos deprimidos, consolam os tristes e alargam as avenidas que conduzem à Eternidade. Tal como S. Paulo estamos certos de receber no último dia a Coroa de Glória que está guardada para os santos. O mundo geme debaixo da servidão do pe-

Família Diogo, Colportores e Chefe dos Colportores, todos gratos ao Senhor, pelo êxito obtido na Terceira



EDITORIAL

«... saúdam-vos os Irmãos das Américas...»

Prezados Irmãos:

De regresso das Assembleias da Conferência Geral e a caminho do nosso Portugal, as minhas primeiras palavras de saudação dirigem-se para todos os nossos queridos Irmãos e Irmãs, da nossa União, para todos os nossos dilectos Obreiros, Colegas, no Ministério, sintetizando-as numa única fórmula: Que a paz do Senhor, que não tarda em vir, seja com todos nós.

Como teremos oportunidade de comunicar, mais desenvolvidamente, os Delegados à Conferência Geral, representando todas as nossas igrejas espalhadas por todo o Mundo, reconduziram nos seus car-

gos os Irmãos Dirigentes da maior responsabilidade. Assim, temos o grato prazer de vos anunciar que foi reeleito Presidente da Conferência Geral o Pastor Fighur; foi também reconduzido no cargo de Presidente da nossa Divisão o Pastor Fridlin.

Daqui, a caminho da nossa querida Pátria, endereçamos as nossas fraternais saudações a todos os nossos Irmãos, pedindo a Deus que nos conceda, sempre, o privilégio de continuarmos fiéis e firmes no trabalho do Mestre para apressarmos a Sua Vinda gloriosa.

Até que eu tenha o grato privilégio de vos transmitir, pessoalmente, as saudações dos nossos Irmãos das Américas, permiti-me, desde já, que vo-las apresente. São as saudações tanto de Irmãos conhecidos, que passaram pelo nosso País, como de tantos outros que só nos conhecem de nome. Todos se apressaram a manifestar a sua simpatia pelos «queridos Irmãos Portugueses», pedindo-nos que vos fizesse saber que muito nos apreciam.

Oremos, também, pelos nossos Irmãos e Irmãs que lá tão longe também oram por nós.

A. Casaca

cado; Satanás cegou as almas, as trevas desceram ao mundo e o paganismo arrebatou as multidões. Jesus está às portas convidando a entrar os homens de boa vontade. Entra o Colportor em lugares por vezes inacessíveis ao Pastor. Tem ocasião de falar com as diversas classes e deixar a mensagem da salvação.

Fizemos ainda experiências interessantes. Chegamos a uma aldeia fomos rodeados por dezenas de crianças e tomando uma do grupo pedimos que nos indicasse a morada de algumas pessoas. Levou-nos a uma casa, fomos convidados a entrar e notámos com tristeza

que o proprietário estava doente de cama. Tal como manda o Senhor encorajámos a pobre esposa e mos-



O Chefe dos Colportores, Obreiro local e os Colportores com os livros que venderam, na Terceira

trámos ao doente as vantagens de uma alimentação seleccionada e vendemos a revista *Saúde e Lar*. Em Agualva, fomos recebidos em casa do sacerdote, que comprou o livro «Quem dominará o mundo?» e tivemos ainda oportunidade de fazer novas assinaturas da revista. Nas várias freguesias desta Ilha fizemos um total de 150 assinaturas. Seja pelo ministério da saúde, seja pela mensagem evangélica, temos de obedecer à comissão IDE e abreviar a vinda do Salvador.

Com certeza o trabalho dos Colportores abreviará a Vinda de Jesus. Oraí pelos Colportores.

Damos a seguir um apanhado do trabalho que foi feito nestas Ilhas.

	Horas	Livros	Revistas	Total	Contactos	Est. Bíb.
Madeira	367	—	23.234\$50	23.234\$50	28	—
S. Miguel	285	14.720\$00	9.030\$00	23.750\$00	30	28
Faial	54	2.680\$00	500\$00	3.180\$00	10	5
Terceira	130	4.000\$00	7.500\$00	11.500\$00	25	12
	836	21.400\$00	40.264\$50	61.664\$50	93	45

«Quando...», «Então...»

Rodolph Bels

Talvez haja alguém que ache estranho ou curioso este título... Também eu assim penso, mas além de curioso é de muita importância para nós Adventistas.

Muitíssimas vezes, ouvimos esta pergunta: «Quando acontecerá isto, ou aquilo?» — e neste caso, relacionamos o que está para acontecer com um sinal, para ter a certeza de que tudo está correcto. Pretendendo dar explicações acerca do fim, é natural que haja quem se adiante e também quem se atrase. Os que agem precipitadamente são os que se adiantam, e os críticos são os que sempre vêm atrás, depois da coisa já estar feita. Eles, por si mesmos, nada fazem, mas vão atrás, achando faltas no heroísmo dos que vão à frente. Quando temos um relógio que se adianta ou se atrasa, levamo-lo a um relojoeiro, para acertar; por isso, creio que há muita gente que deveria ir de joelhos ao Grande Relojoeiro, Jesus Cristo, para receber um conserto-zinho no seu delicado pensar, a fim de saber como andar com todos os demais, unidos, nem atrasado, nem adiantado.

Acontece, no nosso meio, que os menos escrupulosos se adiantam, fundando novas seitas, escrevendo e falando, e dizendo que a Igreja não está fazendo o trabalho que deveria fazer, que não cumpre com a sua parte, e muitos outros, atrasam-se tanto que chegam a dizer que apostatou. Será por estarem tão longe, tanto atrás, que não vêm a mão de Deus a guiar o trabalho?

Sendo assim, os outros, os que procuram fundar novos movimentos, adiantam-se tanto que dizem de si mesmos que são «O Alto Clamor», que são a «legítima Igreja», que são «a verdadeira testemunha», que são «os da reforma», outros, que são os da «reforma completa», outros ainda que são os

«da promessa», e ainda outros que «independentes ou nacionalistas», etc.

É lógico que o Senhor Jesus não está dividido e, portanto, nenhum destes tais pode estar certo. Mas, neste caso, ocorre então perguntar: «Quem está certo, afinal?»

Ora, é muito fácil saber quem está certo.

Estudai as profecias e indagai quando e como deveria aparecer a última igreja, os remanescentes do Senhor. Depois vêde quem «está na brecha», cumprindo as profecias, e quem está fazendo o trabalho em todo o mundo, justamente conforme fora prevista pelos profetas antigos, e hoje dirigidos pelo Espírito de Profecia do último movimento de Deus. Não nos enganemos: «Deus não se deixa escarnecer».

Seguem na retaguarda os atrasados, os que vêm atrás, criticando, achando faltas no que já foi feito, e semeando discórdias e dificuldades. Não fazem nada e procuram impedir os que fazem, e encontram faltas em tudo o que se fez. São uns pobres relógios atrasados, que deviam ir ao Grande Relojoeiro, para se porem em dia, para a glória de Deus, para andarmos juntos e fazerem algo apoiando o grande Movimento do Advento, que em breve terá terminado a sua grandiosa tarefa, a fim de que o Salvador possa vir.

Mas ainda há os que são como Uzá: acham que a arca do Senhor está a cair e que só eles a podem segurar. Para estes tais, a experiência de Uzá deveria ser uma advertência. A Arca do Senhor não caiu, mas Uzá caiu, quando se adiantou, procurando fazer o que não lhe competia.

Cuidado, Irmão, não vamos adiantar-nos demais, pois pode acontecer que a ira do Senhor sobrevenha aos desobedientes e arrogantes.

Já no tempo dos discípulos se fez, repetidas vezes esta pergunta: «Quando virá o fim?» e, «que sinal haverá da Tua Vinda?»

Ora vejamos a resposta: «Quando pois virdes a abominação... então...»

«E este Evangelho será pregado em todo o mundo... então virá o fim.»

«Quando virdes todas estas coisas... sabeí (então) que ele está às portas.»

Assim poderíamos continuar, mostrando o «quando» e a consequência: — «então».

É desta maneira que Deus instruiu é assim que Ele trabalha. Tudo o mais é fantasia adiantada ou crítica atrasada.

Mas vamos ao nosso tempo.

«A substituição da Lei de Deus pelas leis humanas, a exaltação, por autorização meramente humana, do Domingo em vez do Sábado bíblico, é o último acto do drama. QUANDO esta substituição se tornar universal, Deus se revelará. — Serviço Cristão, pág. 50.

QUANDO o desafio da Lei de Deus for quase universal quando o seu povo for oprimido e atormentado pelos seus semelhantes, ENTÃO o Senhor intervirá». *Idem*, pág. 51.

«QUANDO Deus mandar aos seus anjos que soltem os ventos, haverá uma cena de conflito, que pena alguma poderá descrever». *Idem*, pág. 52.

«Parecia haver um pequeno tempo de paz. Mais uma vez os habitantes da Terra me foram apresentados, e novamente tudo se achava na maior confusão. Lutas, guerras e derramamento de sangue, juntamente com fome e peste impediram por toda a parte... A guerra ocasionou a fome. A miséria e o derramamento de sangue deram

(Continua na pág. 16)

Segundo a palavra profética de Jesus o Evangelho do Reino será pregado em todo o mundo e testemunhado por todas as gentes antes que venha o fim.

Esta é, sem dúvida, uma das mais audaciosas profecias que as Escrituras encerram. Humanamente falando era uma impossibilidade levar a Boa-Nova do Reino ao conhecimento de todas as gentes que viviam naqueles recuados tempos. Com efeito, os discípulos de Jesus não tinham meios para promover a expansão do Evangelho em escala mundial e, por isso, poucas foram as nações de então que tiveram o ensejo de ouvir as Boas-Novas.

qualquer ponto do globo; por meio de amplificadores, da rádio e da televisão pode o embaixador do Rei fazer ouvir a milhares e milhares de pessoas, simultaneamente, a mensagem da Salvação. Tudo isto é maravilhoso! Aquela extraordinária profecia de Jesus, na realidade, somente na nossa época poderá ter perfeito e cabal cumprimento.

Notemos, porém, que não serão as enormes casas editoras, nem os belos paquetes ou os potentes e velocíssimos jactos que pregarão o Evangelho do Reino! Nem ainda os aparelhos de rádio e de televisão! A ordem do Rei: «**IDE POR TODO O MUNDO E PREGAI O EVANGELHO A TODA A**

que o Evangelho de Amor será anunciado a todas as nações, povos, tribos e línguas e o «fim» não virá sem que este trabalho se tenha realizado.

Compreendemos que nem todos são hábeis em manejar a Palavra da Verdade ou fazer visitas aos lares, mas todos, inflamados pelo amor do Rei, poderão fazer algo pela salvação dos perdidos. Vejamos alguns exemplos que nos mostrarão como o amor a Deus e o desejo de salvar os pecadores têm levado os filhos do Rei a agir:

Em Londres vivia uma crente que, com a idade, ia perdendo o poder da vista. Sentia desgosto por não mais ler as Escrituras às pessoas que visitava. Apesar de quase cega, ela não deixou de trabalhar para Jesus. Ela amava o Mestre e desejava ardentemente que outros O amassem também e assim decidiu especializar-se em acompanhar as visitas às reuniões. Quando ela ouvia que alguém se interessava pela Verdade mas não vinha à igreja com receio de andar só, de noite, pelas ruas da grande cidade, ela oferecia-se para a acompanhar. Deste modo ela teve a satisfação de poder contribuir para a salvação de um bom número de almas que se entregaram a Jesus como resultado do seu perseverante esforço.

Temos em Johannesburgo, África do Sul, um irmão que, por ser tímido e acanhado, nunca deu um estudo bíblico. No entanto, ele sentia desejo de contribuir dum modo eficaz para a salvação dos seus semelhantes. Que poderia ele fazer assim tímido acanhado? Como viajava muito nos autocarros, resolveu deixar, muito discretamente, alguns folhetos sobre os assentos. Por dia, ele espalha, desta forma, cerca de 20 folhetos, que paga do seu bolso, e dentro dos quais coloca um bilhete-postal, endereçado a si mesmo, com os seguintes dizeres: «Queira enviar-me mais literatura». A pessoa que apanha o folheto, ao lê-lo durante a viagem, se a leitura lhe interessou e se deseja receber mais, precisa apenas escrever a sua direcção no lugar próprio do postal e deitá-lo no marco do correio mais próximo. Cada semana estê

(Continua na pág. 16)

Os Leigos

e a projecção do seu trabalho

S. Graça

Nos nossos dias as coisas mudaram muito! Os meios, os mais diversos e poderosos, foram postos à disposição dos modernos discípulos de Jesus para serem empregues na dilatação do Seu Reino em cumprimento daquela aparentemente impossível profecia de Cristo.

Primeiramente apareceu a Imprensa; depois foram-se aperfeiçoando e tornando mais rápidos os sistemas de transporte por mar, terra e ar; a seguir descobriu-se a electricidade e com ela apareceram depois uma série de inventos que permitem fixar, transmitir e ampliar os sons e as imagens. Assim hoje o discípulo de Cristo pode dispor de modernos maquinismos de impressão, utilizar os potentes e confortáveis navios que sulcam os mares, as extensas redes rodoviárias e ferroviárias sobre as quais correm velozes carros e rápidos comboios; o mensageiro de Cristo pode usar os moderníssimos aviões e voar com rapidez espantosa para

CRIATURA.» (Mar. 16:15) não foi dada a maquinismos mas sim aos Seus Súbditos. Na verdade, as casas editoras publicam livros, revistas, jornais e folhetos repletos da Boa-Nova que só serão úteis se forem vendidos ou oferecidos às «gentes» pelos abnegados servos do Rei. Nada pode substituir a intervenção pessoal de cada filho de Deus, de cada membro da Igreja nesta obra de dilatação do Reino. Ainda que a rádio e a televisão sejam instrumentos poderosos para espalhar aos quatro cantos da Terra as Novas da Salvação, até hoje nada se revelou mais eficiente para levar as almas a decidirem-se por Jesus do que os contactos individuais, a entrega pessoal de literatura, as visitas aos lares e os estudos particulares feitos pelos incansáveis membros da Igreja. Este trabalho discreto, em que os crentes de todos os tempos se têm empenhado com entusiasmo, é hoje mais necessário do que nunca. É nos nossos dias

A Divindade de Cristo

José Manuel Matos

à luz das Sagradas Escrituras

Um dos princípios fundamentais da doutrina cristã é aquele que estabelece a divindade do Senhor Jesus. Este princípio assenta as suas raízes nas Sagradas Escrituras à luz das quais desejaríamos considerá-lo atentamente, dado que nos últimos anos muito se tem propagado a negação de tal facto, por certos meios, ditos cristãos.

Até aos nossos dias chega o conselho do apóstolo S. Paulo, tal qual ele se encontra na Epístola aos Colossenses: «Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs subtilidades, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo».

Sim, tenhamos cuidado, estejamos atentos. Sempre presa do Senhor Jesus, dos princípios por Ele emanados, e não de ninguém, quem quer que seja, e das suas vãs filosofias e subtilidades.

Possa este estudo de compilação constituir um elemento útil nas mãos daqueles que sentem no seu coração, o desejo de conhecer a Verdade, e de esclarecer e encaminhar a ela, os que navegam nas águas turvas do engano.

I. Nomes e títulos divinos aplicados a Jesus

1 — Jesus. ...e chamarás o seu nome Jesus porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados.» (Mat. 1:21).

Notemos que o nome Jesus no original Yehóshua, já por si se apresenta com um índice divino. Este nome hebraico significa: «O Senhor é salvação».

2 — Emmanuel. O próprio texto de S. Mateus nos indica o significado deste nome. «Deus connosco».

(Mat. 1:23). Aquele que ia tomar forma no seio de Maria, era, ele mesmo, Deus. Deus entre os homens. Deus connosco.

3 — Deus Forte. A citação de Isaías (Is. 9:6) é fértil em nomes atribuídos Àquele menino que havia de nascer, que havia de se dar à humanidade, menino esse que era nem mais nem menos que o Príncipe da Paz, o Pai da Eternidade, sim, esse menino era o Deus Forte.

4 — Deus bendito eternamente. Esta expressão falando de Jesus, vem-nos da pena inspirada do grande teólogo que foi S. Paulo. Para Paulo o problema é claro: «Cristo, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente». (Rom. 9:5). Notemos igualmente este outro texto da Epístola aos Hebreus: «Mas do Filho diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos...» (Hebr. 1:8).

Jesus é o «grande Deus» em Tito 2:13; e ainda na pena de Paulo «O Senhor da glória», em 1 Cor. 2:8.

5 — O Verdadeiro Deus. Para o apóstolo do amor, João, a divindade do Senhor Jesus não oferece sombra de dúvida. Ele declara peremptoriamente: «...no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida Eterna. (1 João 5:20).

6 — Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Já no declinar da sua vida, a João são desvendadas muitas das cenas futuras do secular conflito entre o bem e o mal. João vê o Senhor Jesus em glória, plenamente vitorioso. Nas vestes do Senhor ele nota escrito: «Rei dos Reis e Senhor dos Senhores». (Ap. 19:16).

II. Atributos da Divindade aplicados a Jesus

1 — Omnipotência. «Creio em Deus Pai Todo Poderoso». Esta é uma expressão que todos sabem de cor. Na realidade, Deus é Todo Poderoso. Do livro dos Salmos destacamos este verso que exprime claramente a onnipotência de Deus: «Tudo o que o Senhor quis, Ele o fez, nos céus e na terra, nos mares e em todos os abismos». (Salm. 135:á). Mas será que o mesmo atributo não é qualidade inerente de Jesus? Leiamos em Mateus 28:18. Quais são as palavras de Jesus? «É-me dado todo o poder no céu e na terra». Consideremos bem. Deus é Todo Poderoso, Jesus tem «todo» poder; no céu, na terra. Haverá alguma diferença? Não há. É igual.

2 — Omnipotência. No quarto capítulo da Epístola aos Hebreus, o autor vem falando acerca do resposou de Deus e da Sua Palavra, e a certa altura diz: (v. 13) «E não há criatura alguma encoberta diante d'Ele, antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar». Eis definida a oniscência divina. Mas esta é igualmente atributo do Senhor Jesus, pois que a Escritura nos declara que Jesus também conhece os corações e os intentos dos homens e que Ele sustenta todas as coisas pelo seu sábio poder. (Mat. 9-4, Marc. 12:25, Hebreus 1:3).

3 — Omnipresença. O Salmista David confessa: «Para onde me irei do Teu Espírito, ou para onde fugirei da Tua face. Se subir ao céu Tu aí estás; se fizer do Shéol a minha cama, eis que Tu aí estás também. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a Tua mão me sustenterá...»

(Salm. 139:7-10). Tal relato significa que Deus é onnipresente, isto é, que Ele tem a faculdade de estar ao mesmo tempo em toda a parte. Não sucederá o mesmo na pessoa de Jesus? Sim, sucede. Basta-nos ler esta promessa da parte do Mestre, tão conhecida de todos os crentes: «Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.» (Mat. 18:20). Claro e perfeitamente compreensível, não é verdade? Dentro de instantes o prezado leitor talvez esteja saindo para se juntar aos seus irmãos na fé e juntos invocarem o nome do Senhor. Jesus estará no vosso meio. Esta é a Sua promessa. E pode acontecer que em muitos pontos do globo, nesta mesma hora, muitos outros crentes estejam fazendo a mesma experiência. O Senhor estará no meio deles. Jesus através do Seu Santo Espírito estará em todos esses lugares, pois que Ele, tal como Deus Pai, é onnipresente.

4 — Imutabilidade. Sabemos que a imutabilidade é a qualidade do que se não pode mudar, do que é inalterável, sempre constante. Só Deus possui esta qualidade em toda a sua plenitude. Tal princípio é estipulado, por exemplo, na Ep. de S. Tiago: — «Toda a boa dádiva, e todo o dom perfeito vem do Alto, descendo do Pai das luzes em que não há mudança, nem sombra de variação». (Sap. 1:17). «O Senhor Jehovah é imutável», proclama o profeta Malaquias. (Cap. 3:6). E que lemos, por exemplo, em Hebreus 3:18? Este é um texto que nos esclarece cabalmente quanto à imutabilidade na pessoa do Senhor Jesus. «Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente».

5 — Eternidade. Quantas vezes começamos as nossas preces com esta expressão: — Eterno Deus que estás nos céus... Sabemos, pois, que esta ideia de eternidade é atribuída a Deus Pai. Vejamos um texto: «Senhor Jehovah... tu és desde a eternidade, mas Jesus também nos é apresentado nas Escrituras como o Pai da Eternidade. (Is. 9:6). «Aquele cujas saídas são desde os tempos da Eternidade». (Miq. 5:2)

III. Jesus Cristo — Jehovah

Jehovah! Eis um nome sacrosanto. Ele é o nome do Senhor Criador dos céus e da terra e de tudo quanto existe. O respeito e o temor invadiam os Israelitas diante do nome de Deus.

O Senhor instruiu o seu povo acerca da Sua Pessoa dizendo: EU SOU O QUE SOU. EU SOU. (Ex. 3:13-15). Esta expressão «EU SOU» é geralmente aceita como sendo uma forma do verbo «hayah», ser. A partir deste termo Israel definiu o sagrado nome do Senhor assim: Y H W H. Os Israelitas guardavam-se de pronunciar este nome, e até mesmo alguns escribas deixavam um espaço em branco, onde deveriam escrever o nome do Senhor. Quando um leitor hebreu chegava ao nome Y H W H, ele lia «Adonay» ou então «Adôn», Senhor. Mais tarde, pelos séculos 7.º e 8.º da nossa era, os Massoretas juntaram ao nome consonântico Y H W H as vogais de Adonay. Desconhecedores deste costume judeu, os tradutores diante deste termo nos escritos hebraicos traduziram: Jehovah (Ex. 6:3) ou simplesmente Senhor (Salmos 33:20).

Podemos nós provar pelas Escrituras que o nome de Jehovah, aquele nome tão temido e respeitado em Israel, mais de 6.800 vezes citado no Velho Testamento, se aplica também, de uma maneira completa, integral, à Pessoa do Senhor Jesus Cristo? Se o pudermos fazer, daremos sem dúvida alguma, um grande passo em frente, na definição desta grande verdade: Jesus Cristo, Deus. Deus o Filho.

1 — Em primeiro lugar abordemos esta passagem extraída do livro dos Salmos: «Quando os povos todos se congregarem para servir ao Senhor (Jehovah no original). Desde a antiguidade fundaste a terra, e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás, todos eles como um vestido envelhecerão... mas tu és o mesmo e os teus anos não terão fim».

Vamos agora ponderar as palavras que estão contidas na epístola aos Hebreus: «Mas do Filho diz... E tu Senhor no princípio fundaste

a terra e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão mas tu permanecerás, e todos eles, como roupa, envelhecerão... mas tu és o mesmo, e os teus anos não acabarão». (Hebr. 1:10-12).

O Senhor instruiu o seu povo. Que acabamos, pois, de observar? Simplesmente isto, as referências aplicadas nos Salmos ao Senhor Jehovah, Criador e Eterno Senhor, são precisamente as mesmas, as mesmíssimas, atribuídas ao Senhor Jesus no livro dos Hebreus. A evidência é demasiado clara para que alguém ouse sinceramente negá-la.

2 — Um outro texto dos Salmos reza assim: «O teu trono, ó Deus, (Jehovah no original) é eterno e perpétuo, o ceptro do teu reino é um ceptro de equidade. E acrescenta que Jehovah ama a justiça e aborrece a iniquidade, e que por isso Deus, o seu Deus, o ungiu com óleo de alegria, mais do que a todos os seus companheiros». (Sal. 45:6-7).

Reparaí agora: Na Epístola aos Hebreus é dito de Jesus que o seu trono subsiste pelos séculos dos séculos, que também o ceptro do seu reino é um ceptro de equidade, que também Jesus ama a justiça e aborrece a iniquidade, que também por isso mesmo, Deus, o seu Deus, o ungiu com óleo de alegria mais do que a todos os seus companheiros. (Hebr. 1:8-9).

Flagrante identificação! As características atribuídas a Jehovah no Velho Testamento, encontramos-las atribuídas ao Senhor Jesus no Novo Testamento. Jehovah, Jesus Cristo. Indiscutivelmente.

3 — Um episódio da caminhada do povo de Israel, liberto do Egito em marcha para a terra prometida, vem-nos auxiliar neste estudo. Chamo a vossa atenção para a estreita relação entre estes dois textos da Escritura.

(Continua)

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

Quem colherá o fruto?...

Há muitas e variadas experiências colhidas durante o trabalho da colportagem. Não há colportor que as não tenha. Pois convém que as divulguem não só para edificação como também para estímulo dos nossos Irmãos.

Eis um caso que me parece bastante interessante.

Há tempos, fui visitar uma família; apresentei-lhe a «SAÚDE E LAR». Aproveitando uma oportunidade — como sempre faço — falei do nosso Salvador, da Mensagem do Evangelho, da Regeneração Corporal e Espiritual.

Interrompeu-me, então, o dono da casa dizendo que a Bíblia era uma «invencionice», sem pés nem cabeça. Acrescentou, seguidamente,

que já há bastante tempo tinha aparecido na terra dele um homem a vender Bíblias e, por sinal, o povo quis matá-lo...

Pedi-lhe, então, licença para eu mesma continuar a história que ele, em tão boa hora, encetara, e disse:

«— Bem sei. Esse homem que transportava as Bíblias montava num macho, não é verdade? E, como já tinha vendido bastantes, o pároco declarou, na missa, que todas as pessoas que tivessem comprado a Bíblia deviam queimá-las, porque eram falsas. E aquela boa gente fez um auto-de-fé das Bíblias que tinha comprado, queimando-as publicamente na presença do pároco.

Ora, como aquele tal senhor que as tinha vendido, tivesse tido conhecimento do que se passara, foi ter com o regedor, pedindo-lhe que o acompanhasse até junto do pároco, para que este demonstrasse onde estavam os erros que ele lhes atribuía. Reuniram-se várias pessoas, a quem aquele tal colportor distribuiu exemplares da Bíblia, dizendo que perdoava a morte que lhe queriam dar desde que encontrassem na Bíblia qualquer coisa que não fosse igual à Bíblia do pároco.

O colportor entregou uma das suas Bíblias ao pároco e pediu a este que entregasse a sua, ao regedor, para confronto.

Analisaram-se vários versículos e, como é evidente, nem o pároco nem nenhum outro dos circunstantes foi capaz de descobrir qualquer coisa diferente nas Bíblias!...

O caso esteve sério, porque as pessoas que tinham comprado as Bíblias e depois, por ordem do pároco, as haviam queimado, mostraram-se furiosas...

Como consequência de tudo isto, aquele Colportor vendeu todas as Bíblias que levava...

Quando terminei esta minha narrativa, verifiquei que os ouvintes estavam admiradíssimos, principalmente quando lhes disse que tal facto ocorrera em Souto da Casa, na Beira Baixa, e que aquele Colportor era... meu pai!

Também o Pastor Pedro Ribeiro, meu irmão carnal e na fé, baptizou, há uns dois anos, em Vila Velha de Ródão, um senhor de setenta e tantos anos de idade, a quem meu pai vendera uma Bíblia há mais de meio século!

Nunca nos arrependamos de fazer o bem, nem de semear a boa Semente, pois Deus recolherá o fruto na devida altura.

As minhas afectuosas saudações para todos os nossos Irmãos na fé, em geral, e em especial para os nossos Colportores.

Vossa Irmã em Jesus:

Isabel Brito Ribeiro e Silva

(Continua na pág. 15)

“Ora vem, Senhor Jesus”

«E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem... Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amén. Ora vem, Senhor Jesus!» (Apocalipse 22: 17,20).

Estas palavras constituem a última oração contida na Sagrada Escritura.

Trata-se de uma oração concisa, ardente: — um verdadeiro modelo de oração adventista. O autor, o Apóstolo João era um verdadeiro Adventista do Sétimo Dia. Foi ele quem também escreveu o Evangelho em que se encontra a mais bela promessa da Volta de Jesus. «Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, se eu for, e vos preparar lugar, VIREI OUTRA VEZ, e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também.» S. João 14:1-3). No Apocalipse (1:7) o mesmo apóstolo testemunha acreca da universalidade

da volta de Jesus: «Eis que vem com as nuvens. E todo o olho O verá...» Uma das exortações das mais solenes para nos prepararmos para a Volta do Salvador, está registada numa das suas epístolas: «E qualquer que n'Ele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como Ele é puro.» (I João 3:3). Finalmente, João termina a sua obra-prima, o Apocalipse com esta sublime aspiração: «Amén! Ora vem, Senhor Jesus!» — fazendo-se assim eco do pensamento do Mestre, resumido neste pedido: «Venha o teu reino». (Mateus 6:10).

Na sua oração, onde se exprime o seu amor intenso pelo seu Salvador, João pôs toda a sua alma. Todos sabem que João amava Jesus com um amor sublime, que, de resto, lhe era retribuído. João sofria cruelmente com a ausência do Mestre bem-amado. Por isso suplicava com ardor: «Ora vem, Senhor Jesus!» Sim, vem bem depressa, o mais depressa possível, amanhã,

Conforme noticiámos, no mês passado, foram baptizados cinco preciosas almas pelo Obreiro local, Pastor Eliseu Miranda. Por absoluta falta de espaço não foi possível publicar as fotografias correspondentes, o que hoje fazemos, gostosamente.



O Director da União Portuguesa, Pastor Casaca falando aos novos Irmãos de Canelas

Casamento

Reiteramos os votos das melhores bênçãos de Deus aos nossos prezados Irmãos recém-casados, Maria Almira Coelho e Joaquim Soares das Neves.



Ilha do Pico — Açores (Cont.)

A Ilha do Pico é a 3.^a em tamanho, fica na parte central do arquipélago e pertence ao Distrito de Horta.

Verdadeiramente vulcânica, é bastante produtiva, abundando a vinha e quase todas as árvores de fruto do Continente, entre elas a oliveira e castanheiro.

Algumas das principais curiosidades desta Ilha são:

Pesca e fábrica de baleias, e curiosidades vulcânicas.

O trabalho da Igreja Adventista começou com a vinda da América da Família Madsen, dali natural, e que tendo conhecido a Mensagem na América, sentindo desejo de partilhar a sua Fé com os seus conterrâneos, para ali se deslocou com apreciável carregamento de roupas e outros artigos, começando na povoação de Santo António a falar a algumas pessoas que logo se mostraram interessadas, pelo que a Irmã Lydia Madsen pediu ao Pastor Lourinho, que nessa ocasião tinha a Sede em Ponta Delgada, para tomar providências pelo interesse ali despertado.

Em Outubro de 1947, desloca-se àquela Ilha o Pastor Lourinho que, sob a sua presidência, realizou a primeira Escola Sabatina, no dia 4 de Outubro de 1947, encontrando-se ali, com sua Esposa e Filha desde já algumas semanas. Regressou a 18 de Outubro de 1947.

NOTÍCIAS

A Escola Sabatina ficou dirigida pela Irmã Madsen como Directora, e Fernanda Palmira Silva, como Secretária. Nessa primeira Escola Sabatina estavam presentes 24 pessoas, sendo 16 inscritas como alunos.

Para continuar o interesse despertado foi convidado pela União Portuguesa a fixar-se naquela Ilha o Ir. Luterio Simões, que chegou ali no princípio de Novembro de 1947, tomando já parte na Escola Sabatina do dia 8

No dia 2 de Abril de 1949, realiza-se a primeira sessão baptismal, com 10 candidatos e um mês depois outros nove eram também baptizados e para fechar o ano, houve outra cerimónia baptismal com mais 2 candidatos, sendo o total dos membros 24, incluindo o pastor e Família.

A expensas da Família Madsen foi construída uma Capela um pouco abaixo do local onde se fizeram os primeiros cultos, mas praticamente na mesma povoação, em cujo baptistério já se fizeram os baptismos.

O Pastor Lourinho foi oficiante nos primeiros baptismos, sendo nessa ocasião o grupo organizado como Igreja.

A inauguração da capela foi adiada várias vezes, sendo finalmente inaugurada já com pouco brilho, na Primavera de 1949.

Algumas tragédias dogmáticas e amor próprio obscureceram o entusiasmo e zelo dos primeiros anos, entrando a Igreja mesmo numa fase estacionária, principalmente por ter passado por várias vezes, meses sem pastor.

Fetais — Ilha do Pico

Esta povoação fica na parte Leste da Ilha e o trabalho começou ali, também com a colportagem:

Chegou em fins de 1947 à Ilha do Pico o Ir. Colportor Duarte, que resolveu fixar residência em Fetais, visto que na área do Cais e Santo

António, trabalhava a Irmã Madsen. A expensas da Irmã Madsen, o Ir. Duarte, além do seu trabalho de colportagem, dedicava também tempo a trabalho de evangelização.

Em tempos, alguém vindo da América ali tinha dado alguns estudos, tendo interessado pelo menos um senhor da localidade, Senhor Fontes, que nunca chegou a ser baptizado, pai do irmão Manuel Fontes, membro da Igreja de Ponta Delgada.

Este senhor era considerado na localidade como versado em assuntos de Bíblia e até fazia em casa estudos, aos quais por vezes assistia a irmã Rosa Joaquina Ávila, pessoa sincera e amiga de saber.

Um dos folhetos distribuídos pelo Irmão Duarte foi lido por outro senhor um tanto mais compreensível (talvez porque os nossos folhetos são por vezes um tanto difíceis de compreender pelos menos cultos), que numa conversa disse à Irmã Rosa Joaquina que a religião daquele folheto não era a mesma coisa que o senhor Fontes ensinava e dum tal senhor Aníbal (Testemunha de Jeová), também vindo da América; e que a religião do folheto era melhor. (Não me foi possível saber o nome deste crente de quem o Senhor se serviu para animar a Irmã Rosa Joaquina).

Então a Irmã Rosa Joaquina um dia encontrou o Ir. Duarte e perguntou-lhe várias coisas acerca de religião e daí começaram uma série de estudos, sendo esta irmã baptizada em 7 de Maio de 1949, juntamente com algumas pessoas da Família, portanto nos segundos baptismos que se realizaram na Ilha.

Este grupo faz parte da Igreja, de Santo António, mas têm uma sala própria e onde realizam aos Sábados de manhã a sua Escola Sabatina visitando-os o Pastor aos Sábados de tarde, onde faz um culto, ficando por vezes para fazer outro culto no Domingo à noite.

Temos ali actualmente 4 membros baptizados; muitos emigram para América e Canadá, mas há

bom número de visitas a assistirem aos cultos.

A Igreja da Ilha do Pico conta 29 membros baptizados e desde há meses que estão sem pastor. Ale-



Os novos Irmãos de Canelas com o Pastor Eliseu Miranda

gramo-nos pelo cuidado que o seu caso despertou ao Conselho da União e à data em que estiverdes a ler estas informações, já ali se encontrará o Ir. Manuel Lobato com sua Família, para melhor repartir o pão do Céu, com os nossos irmãos do Pico.

Trabalharam como pastores naquela Ilha os seguintes irmãos:

Lutero Simões, Raúl de Menezes, J. J. Laranjeira, Jorge de Mendonça, Adelino Diogo e presentemente Manuel Lobato. Interinamente estiveram os irmãos colportores: Cardoso e Moniz Andrade.

Cais do Pico — Ilha do Pico

Nesta povoação, porto principal da Ilha e a uns 3 quilómetros da capela, foi por vezes escolhida pelos Pastores para sua residência e chegaram em 1949 a pôr uma sala ao serviço da pregação ao público, sendo fechada pouco tempo depois, pelo motivo de mudança de residência do Obreiro. Daí em diante

esta localidade tem sido incluída no trabalho de Santo António, visto a sua proximidade e facilidade de conviver com o meio ambiente.

Esta Igreja tem sido a menos cuidada nos últimos anos, sendo os nossos irmãos fiéis, dignos de toda a consideração, pelas horas incertas que têm vivido, sem pastor e com desentendimentos internos.

Dos 10 primeiros baptismos encontramos na nossa primeira visita, 5 pessoas que assistiram ao culto e a quem saudamos e desejamos que continuassem até ao fim, firmes ao Senhor.

Lembra-vos dos irmãos do Pico, nas vossas orações.

NOTÍCIAS DE MOÇAMBIQUE

Livro Missionário 1962

O nosso Comité reunido em Março resolveu fazer este ano uma campanha de distribuição e venda do livro «AOS PÉS DE CRISTO» de modo que a sua mensagem fosse espalhada mesmo em localidades, onde não temos possibilidade de manter um trabalho organizado.

Assim os nossos membros foram convidados através de uma circular, a escolher as três modalidades para o trabalho com este livro: receberem o livro gratuitamente para o distribuírem gratuitamente entre pessoas amigas; comprar o livro ao

preço do custo para o distribuir, como oferta sua entre os seus amigos, e a última modalidade, comprá-lo ao preço do custo para o vender.

Temos um alvo de 2.000 exemplares a distribuir este ano e esperamos consegui-lo. Os nossos membros espalhados pelos quatro cantos de Moçambique estão a pedir livros para com eles se lançarem nesta campanha.

Igualmente desejamos com esta campanha ir de encontro aos frequentes pedidos de literatura de muitos africanos que pelos seus estudos e trabalhos procuram livros que os possam ajudar na sua preparação para um mundo melhor.

Campanhas evangelísticas

Como o começo da época seca iniciaram-se as campanhas evangelísticas na área da Missão de Mungulúni, duas das quais no mês de Julho e outras duas que estão tendo lugar nesta altura, uma das quais com a duração de um mês, e localizada numa vasta área.

Uma das campanhas foi realizada pelos alunos do Curso de Catequistas sob a direcção do seu professor Irmão A. Nunes. Desde manhã o tempo se encontrava tomado com actividades evangelísticas, de assistência médica e de auxílio social aos habitantes da aldeia. Foram visitadas mais de mil casas, nas quais entramos em contacto com mais de quatro mil pessoas. Mais de 250 doentes foram vistos, tendo recebido cerca de quatrocentos tratamentos e duzentas injeções.

Procurou-se igualmente levar uma ajuda aos habitantes da aldeia, e assim os alunos do Curso de Catequistas fizeram uma ponte sobre um pequeno rio onde já tinha havido vários desastres pela sua falta. Outra actividade foi ter sido feita uma lavra de mandioca para um idoso casal que mal se pode mexer, e que ficaram assim com alimentação assegurada.

Uma experiência interessante é a de um fumador de ópio que foi encontrado pelos nossos alunos. Convidado a vir ao acampamento ele anufu e ali lhe foi explicado o ter-

rível veneno que estava ingerindo. O seu grande cachimbo continha veneno que poderia trazer grande mal a muitas pessoas. Convencido a deixar aquele vício, pediu para lhe quebrarem o cachimbo, e depois pediu para ser inscrito na classe bíblica.

Pastor Manuel Lourinho

Como delegado de Moçambique à próxima Conferência Geral partiu o nosso Director Pastor Lourinho. Desejamos-lhe uma ótima viagem e breve regresso. Durante a sua ausência toma conta da igreja de Lourenço Marques o Prof. Alberto Nunes.

7. Morgado

História do Movimento Adventista em Cabo Verde

Existe na Costa do Senegal, um promontório chamado Cabo Verde, e é daí que vem o nome às nossas ilhas aqui existentes em pleno Atlântico, e as mais próximas desta parte da costa africana.

Compõe-se este arquipélago de dez ilhas e alguns ilheus, formando dois grupos: Barlavento e Sotavento. Pertencem a Barlavento as ilhas de S. Vicente, S. Antão, S. Luzia, S. Nicolau, Sal e Boavista; a Sotavento, Brava, Fogo, S. Tiago e Maio.

A superfície é de 4.033 km² com cerca de 170.000 habitantes; a única ilha desabitada é a de S. Luzia.

Embora perto da costa africana, a população não tem características acentuadamente africanas, os seus usos e costumes são bastante diferentes. Sabido como é que a colonização se fez de uma forma bastante heterógena, com pretos da Guiné e brancos da Metrópole, é raro ver-se hoje aqui o tipo negroíde, a percentagem é de 70 % de mestiços; 28 % de pretos e 2 % de brancos.

Na sua forma de vestir, todos se vestem à europeia e adaptam-se bem aos usos e costumes de influência Lusíada. No entanto nos meios rurais e uma grande parte da po-

pulação das cidades, gosta de andar descalça, guardando os sapatos e botas para os domingos e dias festivos.

A grande dificuldade em Cabo Verde e que constitui mesmo o seu problema número um, é a frequente falta de água pluvial. Chove pouco e por vezes muito pouco tornando assim difícil e penosa a situação dos pobres e sobretudo aqueles que mais ligados estão, ou vivem da cultura do solo e da pastorícia. Se chovesse com abundância, haveria como em nenhuma parte fartura de carne, peixe, leite e queijo e ainda os mais variados produtos hortícolas, e a vida seria tão barata para todos. Mesmo assim S. Tiago, e S. Antão, produzem bastantes produtos devidos à existência no seu solo de muita água nativa tornando assim possível a formação de regadios. S. Vicente vive daquilo que se colhe em S. Antão, incluindo mesmo a água para beber.

Nos anos em que as chuvas foram mais abundantes e a terra produziu melhor, não podemos dizer que a alimentação do cabo-verdiano seja pobre, pois é constituída de milho, feijão, batata doce, cana de açúcar, leite fresco, abóbora, mandioca, carne e peixe, e frutas tropicais como, manga, banana e papaia. O prato típico é a «Cachupa» rica ou pobre conforme as posses de cada um.

O dialecto que aqui se fala, chama-se o «Crioulo» que difere bastante de ilha para ilha, e é uma derivação do elo Afro-Luso. Todos os habitantes compreendem a língua portuguesa, que é falada nas escolas primárias, Industriais, e Liceus sendo também a usada nas grandes reuniões sejam elas, cívicas, intelectuais, culturais ou recreativas.

É notória a inclinação das crianças e dos jovens para o estudo. Todos desejam ser alguém na vida e ganhá-la mais facilmente. É natural este desejo porque não se podendo contar com a vida campesina em paga remunerada, o mesmo acontece no capítulo industrial.

Um dos grandes desejos de todos os cabo-verdianos, é a emigração. Ir para qualquer parte e por qualquer meio. Embora muitos passem necessidades nessas terras para onde fo-

ram, outros no entanto encontraram o seu pequeno el-dourado e vivem. Grandes colónias cabo-verdianas, se encontram no Senegal, Dakar e América do Norte, sem falar de outros núcleos por outras partes.

Eles estão por toda a parte, levaram consigo e deixaram também cá a «Saudade». Foi esta saudade, esta nostalgia, que lhes deu aquele cunho musical. Inventaram a «Morna», sonhadora e dolente, produto da sua lavra e enquanto a cantam seus males espantam.

...«E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo em testemunho a todas as gentes...» «A toda a nação, tribu, língua e povo. Compreendendo o sentido universal destas palavras, tudo se fez para que aqui em Cabo Verde, se iniciasse o nosso trabalho, levando assim a estas gentes, o conhecimento do Evangelho, preparando-os no caminho que conduz à vida eterna. Trabalhou-se e trabalha-se ainda com rapidez, é preciso aproveitar o tempo, tempo da graça, porque se estão aproximando a passos de Golias, os dias bíblicos de: «Vinda é a hora do seu juízo».

Sal, Maio, Boavista, S. Nicolau e S. Antão, estão ainda sem pregador nosso e sem Igreja. Vários motivos, mas sobretudo o de ordem financeira e orçamental, têm-nos impedido de iniciar ali o trabalho, temos no entanto nestas duas últimas ilhas, membros fervorosos da nossa Igreja, e esperamos não vir longe o dia em que tenhamos a alegria de vermos iniciar o trabalho na ilha mais católica do arquipélago: S. Nicolau.

Na Brava, Fogo, S. Tiago (Praia) e S. Vicente, temos obreiros e Igrejas, logo trabalho devidamente organizado e é portanto sobre elas que nos iremos debruçar, na continuação do nosso artigo, pois é com as mesmas que se justifica o título deste pequeno trabalho.

M. Laranjeira

Seixal

Nesta nossa igreja, e num ambiente de simpatia cristã de um bom número de amigos e irmãos,

foi realizado no passado dia 20 de Junho, pelas 16 horas, a cerimónia de casamento dos prezados jovens irmãos, Lídia da Silva Teixeira e José Ribeiro Pereira.

Assim, pela graça de Deus, viu esta Congregação criar no seu meio



mais um lar cristão-adventista. Que Deus o abençoe, aqui e no Lar de Além! —NOVA TERRA— são os votos sinceros do oficiante

M. MIGUEL

Notícias de Coimbra e da Figueira da Foz

Alguns apontamentos da família Adventista da Figueira da Foz e Coimbra.

O trabalho nestas paragens continua a ser moroso e um tanto duro. Não admira! Estamos na Lusa-Atenas! E não foi dura a experiência de Saulo de Tarso na capital da Grécia? «Varões Atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; porque passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO». Bastantes altares e nichos encontramos em profusão por estas cidades, vilas e aldeias. Daí, a dificuldade da Mensagem do Advento de Cristo penetrar nos corações, um tanto ou quanto, supersticiosos.

Na Figueira da Foz a sala de culto tem um grande contra — a sua localização. Dista, apenas a uns cem metros do belo Templo dos Presbiterianos. E claro é mais fácil

entrar-se numa Casa própria de Culto, do que numa simples e humilde sala. Aguarda-se a oportunidade de encontrarmos uma casa em melhores condições. Que Deus nos abra uma porta nesse sentido.

Quanto a Coimbra apresenta-se o problema do Baptistério. Não temos, em boa verdade, local apropriado para a sua colocação. E por isso temos certas dificuldades quanto a fazer os baptismos. Este ano tivemos, em Março, de recorrer à amabilidade dos nossos Irmãos de Tomar. E lá fomos deabalada até àquela Igreja. Agora, em Agosto, tivemos de nos deslocarmos até Serpins e graças à prontidão de uma Irmã na fé, lá pudemos ter os nossos baptismos numa das suas propriedades. Não sabemos como resolver tal problema, visto não deixarem fazer os baptismos aqui no rio, ou melhor, no Choupal.

Presentemente a Igreja de Coimbra conta com um bom grupo de jovens, na maioria, estudantes. Em breve teremos uns formados em Matemáticas, Biológicas (como é o caso do simpático casal Casimiro Ferreira), Medicina, Germânicas, Professorado do Ensino Primário e até Contramestres das Escolas Técnicas. Graças a Deus por este belo núcleo de rapazes e meninas que se encontra dentro da Sua Igreja. Muito há a esperar destes jovens, pois que, a maioria tem intenções de dedicar o seu tempo e sua vida à Causa do Mestre.

Devemos em grande parte ao zelo e entusiasmo desta juventude a rapidez com que pudemos fazer o nosso Alvo da Campanha das Missões. Bateram-se como verdadeiros heróis.

Também, na Festa das Mães, quer aqui em Coimbra, quer na Igreja do Porto, onde se foi numa animada excursão, os nossos jovens foram dignos da sua posição social que ocupam na vida. Com uma pléiade de gente moça como esta, a Causa de Deus tem de triunfar. Que o Senhor se digne abençoar o seu trabalho neste Distrito e em todo o nosso querido Portugal, são os votos formulados por

SAMUEL REIS

« DESCE À CASA DO OLEIRO... »

G. Cupertino

É interessante verificar que, numa época, como a nossa, em que o progresso da técnica está a caminho de transformar, radicalmente, a vida dos homens, ainda haja lugares, em que o tempo parece ter parado, e onde ainda se podem ver cenas totalmente semelhantes às que os profetas do Antigo Testamento presenciaram e descreveram.

Há meses atrás, fui a Gravina, no sul da Itália, presidir à dedicação de uma nossa nova capela; pois foi naquela localidade que tive o privilégio de descobrir uma pobre casa de oleiro na periferia da cidade.

Entrei e fiquei uns momentos a contemplar o humilde trabalho do artífice, num ambiente idêntico a qualquer das olarias dos dias de Jeremias.

Sentado junto das suas rodas, colocadas horizontal e paralelamente, tinha ele, diante de si um bom pedaço de barro, donde retirava o que lhe ia sobrando, ou mesmo os vasos, bem feitos e alguns bem acabados, para serem vendidos.

Admirei, durante algum tempo, em silêncio, o artífice a trabalhar, tirei algumas fotografias — uma das quais ilustra este artigo — e transportei-me em pensamento, muito para trás, para os tempos dos profetas bíblicos.

O panorama do reino de Israel era sombrio. A impenitência do povo depois de séculos de paciência da parte de Deus e de rebelião da parte dos homens, chegara ao cúmulo. Aproximavam-se as últimas horas de agonia da nação eleita; mas, como um guarda terno e fiel, o profeta Jeremias mantinha-se com o povo, suplicando-lhe que se detivesse à beira do abismo. O orgulho e o esquecimento de Deus cegavam a multidão.

É no meio deste drama, sem igual, que a palavra do Senhor foi dirigida ao profeta, nestes termos:

«Desce à casa do oleiro»

Jeremias obedeceu e entrou na casa do oleiro. Enquanto este manobrava a argila e a afeioava habilmente, na roda giratória, o profeta recebeu uma lição destinada ao povo de Israel e cujo alcance



«Nós somos, nas mãos de Deus, como o barro, nas do oleiro»

transcende o seu país e a sua época para vir até nós.

Jeremias viu a massa de argila que se deixava trabalhar dócilmente pelo oleiro. Aquilo que não passava de uma matéria inerte, informe, começou a tomar forma para se tornar, em pouco tempo, uma vaso gracioso, cujo aspecto se aperfeiçoava sob as mãos hábeis do artífice, não só graças ao movimento da roda, como também à arte do oleiro; e, assim, terminada a obra, o artífice colocava o novo vaso, cuidadosamente, junto dos outros, de-

vidamente alinhados. Mas o profeta viu, também, que em dado momento o oleiro tirou da roda, de repente, um vaso que não estava a corresponder ao que ele pretendia, e que o colocou, novamente, na massa de barro, informe, que tinha ao lado.

«Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de d'Israel?» diz então o Eterno a Jeremias. (Veja-se Jeremias 18:4-6).

Na casa do oleiro, o cristão pode aprender numerosas lições que nem as mesmas Universidades parecem não ser capazes de ensinar ao homem moderno. Duas de entre elas são dignas de ser bem estudadas e retidas: impotência total de todo ser humano, por um lado; e soberania absoluta de Deus, por outro lado. O barro nada tem que dizer a quem o trabalha e que tem o direito incontestável de fazer dele o que muito bem quiser. Não é esta uma bela imagem do que deviam ser as relações entre a criatura e o Criador? Infelizmente, porém, nem sempre é assim. E embora seja absurdo pensarmos numa revolta da argila contra o oleiro, contudo, isso acontece. «Vós tudo perverteis! Como se o oleiro fosse igual ao barro e a obra dissesse ao seu artífice: Não me fez, e o vaso formado dissesse do seu oleiro: nada sabe». (Isaías 29:16).

«Não me fez»

Não seria esquisito se ouvíssemos um vaso falar e dizer daquele que o fez: «Não me fez?»

Pois é, precisamente, a atitude extravagante da grande maioria dos pretensos sábios da nossa época, aos quais se vão juntando, continuamente, pastores e teólogos modernistas. Efectivamente, que é, na essência, a filosofia do evolucionismo, senão a afirmação pura e simples (que de resto não é nem

simples nem pura) de que o homem, longe de ser a obra de Deus conforme o declara a narração do Génesis, não é, pelo contrário, senão o resultado de um longo trabalho de transformação e de selecção, partindo dum núcleo informe, para chegar, após um número indeterminado de milhões e biliões de anos, ao macaco e, finalmente, ao homem?

«Ele (Deus) não me fez» assim afirma o suposto sábio dos nossos dias, rejeitando assim a revelação divina para a substituir por hipóteses contraditórias e sempre mutáveis. «Não tem inteligência» — eis o que o vaso parece dizer ao oleiro: — «Nada sabe».

É mesmo a linguagem de toda uma multidão de pessoas dos nossos dias. Segundo estas pessoas, Deus enganou-se na formação do Universo e na realização dos seus desígnios.

«Não me fez» — pretendem alguns; «Nada sabe» — dizem outros. Este espírito de revolta e de incredulidade ameaça contaminar até os próprios cristãos, se não estudarem a Bíblia; e se não se entregarem à meditação e à oração arriscam-se a permitir à dúvida e ao orgulho que ofusquem a claridade da sua fé.

Quem de entre nós estará defendido de não se esquecer de que há um Oleiro e de que somos apenas simples barro? Saídos de uma massa informe, somos formados por Deus que nos atribui um aspecto adaptado à função para a qual nos destina.

Temos de permanecer dóceis na mão d'Aquele que nos molda, que nos retira o supérfluo e que, com extrema delicadeza procura aperfeiçoar-nos. É um convite à humildade e à confiança. À humildade, porque de nós mesmos, nada somos, senão barro, sem nenhum valor; à confiança, porque não somos o resultado do acaso, mas sim a obra de um hábil Artista que sabe muito bem do seu ofício e que é capaz de retirar de uma massa bruta, vasos de honra.

Orgulho e humildade

A História Sagrada não é outra coisa senão uma longa sucessão de

«vasos bem feitos e úteis» ou rejeitados. Quando cegos por um orgulho insensato, certos homens, como Faraó declararam: «Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel» (Êxodo 5:2), tais homens selaram a sua ruína para sempre, revoltando-se contra o seu Criador.

Reflectia eu, nisto mesmo, numa ocasião em que tive de parar no Cairo, de regresso de Madagascar. Entre as múmias que se podem ver num dos museus da cidade, encontram-se as de Ramsés e de Menefta — faraós que desprezaram o Eterno e que também não reconheceram que não passavam de um pedaço de barro. Que são eles, hoje, aqueles orgulhosos faraós? Ali estão, no museu, ressequidos, sem vida, ao passo que outros homens, como Moisés, que ficaram humildes e confiantes nas mãos do Criador, não foram rejeitados para o monte de barro informe. Pelo contrário, resplandecem, já, na eternidade, precursores daqueles que, tendo, também, abrigado no coração um tesouro de esperança, serão considerados vasos de honra, na Casa de Deus.

Aos Faraós sucederam os Nabucodonosores, os Herodes, os Napoleões, e todos esses que declararam, falando de si próprios: «Não nos fez», ou então, falando de Deus: «Nada sabe». Mas o fim destes homens é uma lição preciosa para nós! Houve uma Waterloo para Napoleão, como houve consequências trágicas para todos os outros. Os monumentos que ergueram em sua honra tiveram a fugaz duração de uma manhã e foram, sem excessão, derrubados pelos seus sucessores. Deus «pisa os poderosos como o lodo, e, como o oleiro pisa o barro» (Isaías 41:25).

Muito diferente é o destino dos que, humildes e confiantes na sabedoria do Criador, dizem com o profeta: «Mas agora ó Senhor, tu és nosso Pai; nós o barro e tu o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos» (Isaías 64:8).

Mesmo que sejam raros, a verdade, porém, é que haverá, tais homens, homens tão famosos como Job, David ou Paulo, ou então obscuros, mas cuja história será um

dia revelada. É a sua presença entre nós que tempera a cólera divina e são eles que defendem a honra de Deus, o Oleiro por excelência.

Deixemos, pois, que o Supremo Artífice efectue o seu trabalho. A nossa docilidade permitir-Lhe-á realizar a sua obra-prima, que ficará para sempre como testemunho da confiança do homem na bondade do seu Criador.

«ORA VEM SENHOR JESUS»

(Continuação da pág. 9)

hoje mesmo, se assim for a tua vontade.

Vivemos numa hora particularmente penosa da história humana. A palavra profética toma, actualmente, acentos patéticos: «De todo será quebrantada a terra, de todo se romperá a terra, e de todo se moverá a terra. De todo vacilará a terra como o ébrio, e será movida e removida como a choça de noite; e a sua transgressão pesa sobre ela, e cairá e nunca mais se levantará.» (Isaías 24:19, 20) A situação mundial não deixa de inquietar os espíritos mais perspicazes. A nossa doutrina dos sinais dos tempos nunca foi tão confirmada, como agora, pelos acontecimentos. É já um lugar comum e falar-se de catástrofes, de conflitos armados e do mal-estar social que aumenta, cada vez mais. A angústia universal é enorme, mas o pior é ainda o futuro, conforme a declaração profética: «e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação, até àquele tempo.» (Daniel 12:1).

Qual será a nossa atitude perante o grande sofrimento humano?

Muitos são indiferentes. Outros simpatizam, dão esmolas, pedem a Deus que console as viúvas, os órfãos, as numerosas vítimas dos cataclismos modernos. Mas, no fundo do coração, alguma coisa nos diz que isto não é suficiente e que talvez só sirva para prolongar os suplicios da humanidade. É então que podemos pensar na oração do apóstolo: «Ora vem, Senhor Jesus!»

“Quando...”, “Então...”

(Continuação da pág. 5)

lugar à pestilência. E ENTÃO o coração dos homens desmaiou de terror, ‘na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo’». — *Idem*, pág. 55.

«QUANDO sobrevier aos homens a prova final, traçar-se-á a linha divisória entre os que servem a Deus e os que O não servem... Enquanto uma classe, aceitando o sinal de submissão aos poderes terrestres, recebe o sinal da besta, a outra, preferindo o sinal de obediência à autoridade divina, *recebe o selo de Deus*». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 656.

«Assim será proclamada a mensagem do terceiro anjo. QUANDO chegar o tempo para que ela seja dada com o máximo poder, o *Senhor operará...*» — *Idem* pág. 657. Mas quando será esse tempo? Vejamos: «Os terríveis resultados da imposição das observâncias da igreja pela autoridade civil, as incursões do espiritismo, os furtivos mas rápidos progressos do poder papal... *milhares de milhares de pessoas que nunca ouviram palavras como essas, escutá-las-ão*». — *Idem*, pág. 659.

«QUANDO o protestantismo entender os braços através do abismo, a fim de dar uma das mãos ao poder romano e a outra ao espiritismo, *quando* por influência dessa tríplice aliança a América do Norte for induzida a repudiar todos os princípios da sua Constituição... *podemos saber* que é chegado o tempo das operações maravilhosas de Satanás e *que o fim está próximo*». — *Testemunhos Selectos*, 2, pág. 151.

«Como o cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos era o sinal de fuga para os cristãos-judeus, assim quando os Estados Unidos se arrogarem o poder de decretar obrigatório o dia de repouso papal, será este facto uma advertência para nós. Será *então* tempo de deixar as grandes cidades, passo preparatório ao sair das menores, para lares retirados em lugares solitários,

entre as montanhas. E, agora, em vez de buscarmos dispendiosas moradas aqui, devemos preparar-nos para nos mudarmos para um país melhor, isto é, o celestial...» — *Idem*, pág. 166.

«Quando for dada a advertência final, prenderá a atenção das pessoas influentes por meio de quem o Senhor está agora a operar, e algumas delas a aceitarão e manter-se-ão com o povo de Deus, durante o tempo de angústia.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 661.

Eis aí uma singela descrição do «quando» acontecerá isto ou aquilo, e o conselho que a Serva do Senhor dá do que «então» deve ser feito. Oportunamente, voltaremos a tratar dos eventos do fim, a fim de que não sejamos enganados por mentes irrequietas e movimentos adiantados ou atrasados.

Agora é o tempo de trabalhar; mas como seremos verdadeiramente empregados para a glória de Deus?

Vejamos: «Quando buscarmos o Senhor como crianças; QUANDO deixarmos de encontrar defeitos nos nossos irmãos e irmãs, e nos que se esforçam para arcar fielmente com as responsabilidades da obra; QUANDO buscarmos pôr o *próprio coração em ordem para com Deus*; — ENTÃO, e só então é que Deus nos poderá empregar para a glória do seu nome». — *Testemunhos Selectos*, v. III, pág. 341.

Não diz: «QUANDO com violência procurardes endireitar a igreja; QUANDO atacardes a igreja e os seus dirigentes; QUANDO falardes mal dos irmãos, expondo em público as suas faltas; QUANDO procurardes tirar membros da igreja, iludindo-os com mensagens truncadas: QUANDO procurarmos endireitar o coração dos outros, etc. ...»

Não, nunca a Serva do Senhor falou assim, mas deste modo: se buscarmos a Deus, como a criança busca os pais; QUANDO procurar-

mos as boas coisas nos nossos semelhantes; QUANDO formos fiéis ao chamado de Deus, cumprindo com a responsabilidade recebido; QUANDO buscarmos endireitar o próprio coração, só então é que Deus nos empregará como verdadeiros instrumentos seus.

Como é clara e positiva a instrução do Senhor para a sua última Igreja!

Aqui está ela; surgiu no tempo exacto; tem os oráculos directos de Deus, está em todo o mundo, com o seu tríplice trabalho intelectual, espiritual e filantrópico.

Que Deus nos abençoe, queridos Irmãos, para estarmos de pé, *então, quando* tudo isto a *seu tempo*, estiver para acontecer!

Os Leigos e a projecção do seu trabalho

(Continuação da pág. 6)

nosso irmão recebe alguns postais de pessoas interessadas pela leitura dos folhetos deixados nos bancos dos autocarros. Já onze almas se converteram como fruto deste imaginoso trabalho.

Sim, Irmãos e Irmãs, os baptis-mos que, aos milhares, se fazem, em cada ano, no mundo inteiro, são o maravilhoso fruto dos persistentes esforços de todos aqueles que amam a Deus e desejam ver o fim das misérias, da maldade e do pecado e, em seu lugar, instaurado o prometido reino de Cristo onde existirá a abundância, a bondade e a santidade.

Em Apocalipse 7:9 S. João apresenta-nos o quadro glorioso que ele contemplou e no qual ele distinguiu perfeitamente povos de todas as nações, tribos e línguas formando uma inumerável multidão que, felicíssima, entoava cânticos de louvor, de gratidão e de vitória a Cristo Jesus, o Salvador. Isto será uma realidade quando o Evangelho do Reino for pregado em todo o mundo em testemunho a todas as gentes.

Quantos estarão ali, prezado Irmão, levados pelo teu testemunho?